



**“SENTA AQUI NESSE BANCO, VAMOS CONVERSAR!”:
MEMÓRIAS ASSOCIADAS A ANTIGAS ATIVIDADES
ECONÔMICAS ANUNCIADAS NOS BANCOS DA PRAÇA
CENTRAL DE PIRASSUNUNGA (SP, BRASIL) NO OLHAR DA
GEOGRAFIA CULTURAL.**

“SIT HERE ON THIS BANK, LET'S TALK TO YOU!”: MEMORIES ASSOCIATED WITH OLD ECONOMIC ACTIVITIES ANNOUNCED IN THE BANKS OF THE CENTRAL SQUARE OF PIRASSUNUNGA (SP) IN THE VIEW OF CULTURAL GEOGRAPHY.

Gustavo Ferreira Prado¹

Luciene Cristina Risso²

RESUMO

O presente artigo pesquisou as histórias e memórias associadas a antigas atividades econômicas anunciadas nos bancos da praça central da cidade de Pirassununga, situada no interior do estado de São Paulo (Brasil), a partir das memórias-lembranças dos anciãos. A metodologia qualitativa foi baseada em revisão bibliográfica e na história oral temática. Como resultados, notou-se que as atividades econômicas inscritas nos bancos da praça, mais lembradas foram de atividades entre o final do século XIX e metade do século XX, contexto de uma cidade que cresceu, em população e em comércio e serviços, em função, principalmente, dos lucros do plantio do café. As narrativas contribuíram como importante registro histórico e valorização patrimonial.

¹ Mestre em Geografia pela UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – campus de Rio Claro/SP). Professor de educação básica na rede pública de São Paulo, e-mail: gfpardo@yahoo.com.br

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Geografia na UNESP – Campus de Rio Claro, e-mail: luciene.risso@unesp.br

Palavras-Chave: História oral; Praça central; Café; Industrialização; Paisagem simbólica

ABSTRACT

This article investigated the stories and memories associated with old economic activities announced in the banks of the central square of the city of Pirassununga, located in the interior of the state of São Paulo (Brazil), based on the memories of the elders. The qualitative methodology was based on literature review and thematic oral history. As a result, it was noted that the economic activities registered in the banks of the square, most remembered were activities between the end of the 19th century and half of the 20th century, the context of a city that grew, in population and in trade and services, due to, mainly, from the profits of coffee planting. The narratives contributed as an important historical record and asset appreciation.

Keywords: Keywords: Oral history; Central plaza; Coffee; Industrialization

INTRODUÇÃO

As praças no Brasil possuem uma ideia evoluída de jardim, ou seja, é um espaço em que prioriza a vegetação. A origem está relacionada aos “largos” do período colonial, em frente às igrejas. As praças têm diversas funções, entre elas, a socialização das pessoas e lazer. Com o tempo, a função de socialização foi se perdendo, diante de inúmeros fatores, como outros locais de diversão, o aparecimento da tv, a falta de segurança das cidades etc. e assim esse espaço foi se transformando. Ferrara (1993, p. 225) diz que, foi se prevalecendo dos espaços privados em detrimento dos públicos na segunda metade do século XX: “agora, os espaços coletivos urbanos – praças, avenidas, ruas, galerias, lojas, pavilhões – cedem lugar à habitação como espaço urbano da intimidade (...) a casa como lugar onde nos escondemos”

O interessante é que mesmo diante das diversas transformações e dinâmicas, em Pirassununga, situada no interior do estado de São Paulo, a praça central é ainda muito usada pela população, com bancos antigos na praça central, com inscrições de comércio, serviços, industriais e pessoas relacionadas à agricultura, aos quais foram importantes para a cidade.

Os bancos da praça já chamavam a atenção por referenciar comércio antigos locais e regionais. Durante uma determinada reforma da praça realizada pela prefeitura, a própria população posicionou-se contra o projeto por imaginarem que os

referidos bancos seriam retirados do local. Esse fato faz com que esse trabalho seja interessante e muitas das atividades econômicas anunciadas nos bancos nem existem mais, mas deixaram suas marcas registradas nas dependências da praça, o que nos instigou.

Como este trabalho é uma parte dos resultados do meu mestrado concluído em 2019 (PRADO, 2019), foi sugestão da banca de qualificação reforçar o estudo das memória-lembranças sobre os bancos, por meio da história oral. Desse modo, o objetivo central desse trabalho foi identificar histórias e memórias sobre os anúncios dos bancos da praça central, uma paisagem simbólica (COSGROVE, 2004), pelo olhar da população anciã (a partir dos 60 anos).

A praça central “Conselheiro Antônio Prado” localiza-se entre as ruas Siqueira Campos, José Bonifácio, General Osório e Duque de Caxias e é referência principal como espaço público de socialização. A praça central de Pirassununga possui 11.107,59 metros quadrados e 140 bancos de granito, mas nem todos são antigos, muitos possuem inscrições de comércios recentes.

Esse trabalho justifica-se na busca de memória-lembranças, seguindo as ideias de Ricoeur (2007, p.41), que expressa esse termo no sentido de que “a memória está no singular, como capacidade e como efetuação, as lembranças estão no plural”. Nessa perspectiva, esse trabalho remete às lembranças evocadas no processo de rememoração.

As atividades econômicas, inscritas nos bancos da praça, mais lembradas foram de atividades entre o final do século XIX e metade do século XX, contexto conhecido como fase pioneira (SAMPAIO, 1987), de uma cidade que se desenvolveu, em função, principalmente, dos lucros do plantio do café.

Espera-se que essa pesquisa colabore com estudos da Geografia cultural e que os bancos da praça central continuem nesse local, não só sendo um objeto de descanso, mas como um objeto que ajuda a contar as histórias da cidade. Antes usado como propaganda, hoje é quase, um museu a céu aberto.

Metodologia

Além das revisões bibliográficas, foram realizadas entrevistas em 2019 com os anciãos acima de 60 anos para narrarem o que se lembravam dos comércios e indústrias antigas, citados nos bancos da praça central. Dentro do universo de 140

bancos, anotamos os nomes de todas as atividades econômicas para traçar um panorama, do que foi destaque na cidade e a partir desses dados construímos tabela e gráfico para ajudar na interpretação dos dados, além de servir como base para mostrar aos entrevistados, sobre quais anúncios mais antigos se lembravam.

Desse modo, doze bancos foram lembrados pelos entrevistados. Para Meihy e Ribeiro (2011) a história oral temática é o uso de uma fonte oral, como complemento de outros documentos históricos. As narrativas são importantes porque valorizam as experiências das pessoas, contando uma versão desse passado, que, aliás, deve ser lido não como resgate do passado, mas uma releitura do passado a partir do presente. As narrativas acabam refletindo na identidade do grupo:

Em história oral, o “grupal”, “social” ou coletivo não corresponde à soma dos particulares. A observância em relação à pessoa em sua unidade é condição básica para se formular o respeito à experiência individual que justifica o trabalho com o depoimento. Nesse sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo, porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários culturais (MEIHY, 2004, p.68).

Para a coleta das entrevistas utilizamos a técnica de gravação em locais, tanto na praça central como nas residências. Após essa fase, transcreveu-se as narrativas, realizando-se, a posteriori, as análises.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA (FINAL DO SÉCULO XIX A METADE DO SÉCULO XX).

Pirassununga foi elevada à categoria de Vila em 1865 e de Comarca em 1890. Quanto às atividades econômicas realizadas de acordo com Godoy (1975, p. 82-83), Pirassununga, em 1867, contava com cerca de 2 milhões de cafeeiros e neste ano 1500 toneladas de café foram colhidas e transportadas para Santos e para o Rio de Janeiro com tropas de burros e carros de bois.

Essas tropas voltavam à cidade trazendo sal, farinha, azeite, vinhos, tecidos, chapéus, sapatos, botas, ferramentas, ferragens e medicamentos. O café passou a ser o principal produto agrícola na Província de São Paulo (estado de São Paulo), onde se formou toda uma estrutura social e territorial graças ao cultivo do produto. Cidades

cresciam, a agricultura se desenvolvia e as ferrovias foram construídas para interligar pouco a pouco diversas áreas para escoamento do produto.

Além disso, a cidade contou com muitos produtores de aguardente, os quais foram ensinando as técnicas de produção aos seus descendentes e assim culturalmente tanto o cultivo como a fabricação dos derivados da cana foram resistindo por meio dos tempos.

Em 1870, mais ruas são criadas na área urbana e é idealizada a construção de uma praça central na cidade.

Na época descrita houve um certo impulso nas atividades industriais do Brasil e a segunda metade do século XIX fora marcada pelo aumento no número de fábricas pelo país. O Imperador Dom Pedro II passou por Pirassununga e hospedou-se na cidade na rua do comércio, que a partir deste acontecimento passou a chamar-se “Rua Dom Pedro II”, justamente em sua homenagem.

O fato denota a importância histórica que a cidade possuía na época, por conta da produção do café, a ponto de receber o Imperador em pessoa e com isso outras mudanças no espaço geográfico começaram a ocorrer. Em 24 de Outubro de 1878, foi inaugurada em Pirassununga a estação ferroviária da Companhia Paulista de Vias Férreas, importante marco histórico para a cidade (Figura 1), para a região e até mesmo para o próprio Estado de São Paulo, que demandava, no período, por infraestrutura de transportes que escoassem o café produzido para ser exportado. Após a chegada da ferrovia em 1878, a “Vila” é elevada à “Cidade”, em 1879, título dado 56 anos após sua fundação.

Figura 1: Estação ferroviária de Pirassununga (1878)



Fonte: <http://memoriadepirassununga.blogspot.com/2014/>

De acordo com os apontamentos de Godoy (1975, p. 154), em 1884, o território pirassununguense contava com aproximadamente 5 milhões de pés de café e por meio das ideias de José Peixoto da Motta Jr, fazendeiros locais e com auxílio da câmara municipal realizaram a primeira exposição regional do café, com vistas a incentivar a produção e o comércio do produto.

O município desenvolvia-se e a população local aumentava. A partir de 1894, deu-se início à canalização de água na cidade e em 1896 foi construída sua primeira Usina Hidrelétrica localizada no distrito de Cachoeira de Emas.

Chegando ao ano de 1900, Pirassununga possuía aproximadamente 10.500 habitantes e neste mesmo ano, no mês de Agosto foi autorizado pela Câmara Municipal a construção de uma coluna com um busto em cima, para ser colocada no jardim da praça central da cidade, ou seja, o local é motivo de atenção e cuidado e é visto com importância pelos seus habitantes desde há muito tempo.

Em 1924, a produção de aguardente destacou-se como uma alternativa à decadência dos preços do café e às pragas nos cafezais. Ressalta-se ainda que, durante a década de 1920, existiam mais de 100 marcas de cachaça em Pirassununga, cuja produção era feita em alambique e em sua maioria por famílias tradicionais, as quais ensinavam seus conhecimentos e suas técnicas aos herdeiros. Nota-se, portanto, uma crescente produção de cana em substituição aos plantios de café.

Outra atividade agrícola que despontou foi o plantio de algodão, por parte dos produtores rurais pirassununguenses. A plantação parecia ser mais uma alternativa em substituição à produção de café e dessa forma, a paisagem rural da cidade foi aos poucos se modificando com a diminuição dos cafezais e aumento dos canaviais e algodoais.

A produção crescente de algodão na cidade foi um fator determinante, para que o então prefeito Dr. Fernando Costa junto com acionistas desejasse montar uma indústria têxtil na cidade. Segundo Foguel (2018, p. 46), fundaram em 1924 a indústria nomeada “Fiação e tecelagem de Pirassununga S.A.” (Figura 2), construída num terreno de 100.000 metros quadrados localizado às margens da ferrovia com o intuito de facilitar as exportações de tecido.

Figura 2 - Fiação e tecelagem de Pirassununga (1924)



Fonte: Foguel (2018, p. 47)

Nota-se que a economia oriunda, principalmente, da produção cafeeira fez com que se desenvolvesse na cidade outras atividades secundárias e terciárias, como fábricas de tijolos, aguardente (Se bem que os engenhos de aguardente desenvolveram-se paralelamente à atividade cafeeira), telhas, curtumes; comércio de armazéns de secos e molhados (Figura 3), alfaiatarias, padarias, farmácias etc.

Silvia Selingardi Sampaio (1987, p.12) chama essa fase de pioneira, associada principalmente à economia de exportação cafeeira. Essa fase, portanto, caracteriza-se como:

O surgimento de indústrias, em país de economia subordinada como o Brasil, pressupõe um desenvolvimento capitalista prévio, e foi a economia cafeeira "o principal centro de acumulação de capital no Brasil durante o período ... (em que vigorou). É na região do café que o desenvolvimento das relações capitalistas é mais acelerado- e é aí que se encontra a maior parte da indústria nascente brasileira."

A autora reforça que a existência da ferrovia, usinas hidrelétricas gerando energia e consumidores urbanos em expansão, com um mercado livre de mão-de-obra, ajudou no desenvolvimento econômico industrial (SAMPAIO, 1987). A maior parte das atividades referem-se à instalação da pequena produção artesanal/industrial. Ela cita, como exemplo, estabelecimentos da cidade de Rio Claro (SP), mas que é similar a outras cidades do interior, como Pirassununga: serrarias, marcenarias, beneficiadoras de arroz, café e algodão, sabão e perfumaria, cerâmicas, curtumes, aguardente, tipografias, curtumes, louças, têxtil.

Nesse sentido, após a consolidação das linhas férreas e o crescente plantio de algodão fomentaram a construção da primeira indústria da cidade, cuja localização também esteve atrelada à proximidade da rede de transporte.

Figura 3: Armazém de secos e molhados de Pirassununga – Trevisan (1919)



Fonte: Registro de Valda Trevisan Pistori do fotógrafo Antonio Zerbetto de 1919.

<https://pirassunungareceptivo.com.br/os-armazens-de-secos-e-molhados-de-pirassununga/>

Ao mesmo tempo, nas lavouras, o café estava cada vez mais raro de se encontrar. Constata-se que após 1929 com a quebra da bolsa de valores de Nova York, o próprio estado de São Paulo, como um todo, percebe que a economia cafeeira não traria mais vantagem. O caminho a partir de então seriam as fábricas.

Observa-se que na década de 1930 ocorreram grandes mudanças no Brasil como um todo. Foi uma época em que houve um surto industrial no país, iniciado principalmente com a indústria têxtil. Em 1938, a “Fiação e tecelagem de Pirassununga S.A.” consumiu 432.690 quilos de algodão e os algodoeiros são visíveis na paisagem. Um ano depois a indústria teria mais de 500 funcionários e uma produção de 2 milhões de metros de tecido (FOGUEL, 2018, p. 47-48).

Ainda pela década de 1930, Pirassununga seguia a vocação industrial vivenciada pelo Brasil com a fundação do “S.A. Laticínios de Pirassununga” e do “Posto de expurgo”, este servia para o melhoramento do algodão e sementes. Segundo estudos de Foguel (2018, p. 51-52), a indústria movimentou 50.000 sacos de caroço de algodão e 78.000 quilos de sementes de algodão somente em 1939. O plantio local da cultura gerou em 1938 cerca de 4.899.250 quilos de algodão. Ainda nesse ano, os bancos de madeira da praça central, alvo desse estudo, foram sendo substituídos pelos atuais de granito ofertados pelos principais comércios.

Estima-se que a cidade chegou a ter aproximadamente 26.396 habitantes no ano de 1939. Neste mesmo ano, o Brasil atravessava momentos de censura e falta de liberdades com o período intitulado de “Estado Novo”, da Era Vargas, tal fase duraria até 1945. A grande parte dos países passava também por momentos extremamente turbulentos, em que se instalava a segunda guerra mundial, muito mais agressiva e sangrenta que a primeira. Nota-se que, economicamente, foi uma época de recessão e estagnação dos processos produtivos de uma forma geral e que afetou diversos setores.

Em 1951, uma dupla de irmãos, em Santa Cruz das Palmeiras, iniciou a fabricação de cachaça nomeando-a de “51” em razão do referido ano de fundação. Mas foi em 1959, que o empreendedor Guilherme Muller Filho comprou a pequena fábrica e transferiu-a para a cidade de Pirassununga. Este brasileiro, de origem alemã, iniciou seu trabalho transportando a cachaça dos engenhos para a empresa em tanques de madeira com seu Ford F-8. O que este iniciante empresário não sabia é que sua empresa seria, atualmente, a maior da cidade de Pirassununga.

Em 1956, Júlio Baldin inicia atividades produtivas com um pequeno engenho de pinga, cuja produção era artesanal e destinava-se a fornecer matérias-primas para a indústria “51”.

Resultados

Há muitos bancos localizados na praça central com referências a comércios e fábricas/indústrias, tanto antigos como mais recentes (a partir da década de 1960) conforme organizado no quadro 1.

Nessa paisagem urbana, as mensagens dos bancos foram decodificadas à luz da teoria de Denis Cosgrove e autores da Geografia humanista cultural. Para o autor citado “todas as paisagens possuem significados simbólicos, porque são os produtos da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 2004, p.108). Sendo assim, o autor elabora que essa decodificação significa entender que os espaços e as paisagens refletem o poder expresso (às vezes sutilmente), da cultura dominante. Para ele há dois tipos de paisagens: as paisagens da cultura dominante e as paisagens alternativas. Esta última é constituída de: paisagens de culturas excluídas, as paisagens emergentes e as paisagens residuais. No caso da praça central, ela integra a paisagem da cultura dominante, isso porque:

Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado, quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum (COSGROVE, 2004, p.105).

Os bancos eram pagos e oferecidos à praça central, como forma de marcar o poder econômico das atividades em cada época, impondo e reproduzindo sua cultura, além de fazer propaganda do negócio, já que a praça central foi durante muito tempo, um ícone da socialização.

Quadro 1: Atividades econômicas inscritas nos anúncios dos bancos da praça central de Pirassununga.

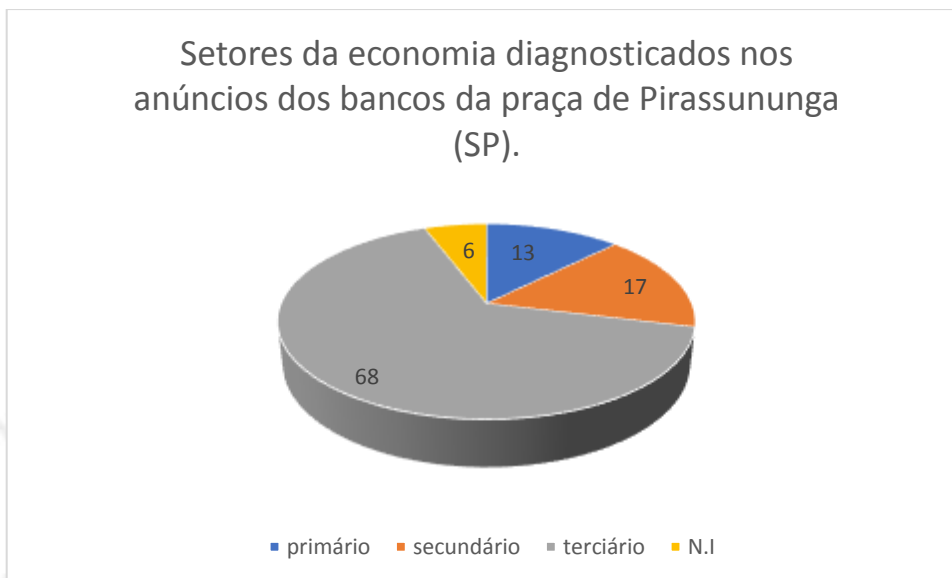
Tipo de Atividade	Nome	Total
Casas/Lojas (variados)	Casa Baggio Ettore Baggio; Brasserie- mercado das louças. Casa Cabianca de Carlos Cabianca; Casa Zerbetto (material electrico); S/A Central electrica Rio Claro; Casa Almeida de Alberto de Almeida; Casa São Jorge; Casa nova; Zé da lojinha (móveis e tecidos); A electrica (Álvaro Gonçalves) E Casa Facuri	11
Casa de armarinhos, etc.	Casa Baggio Ettore Baggio; Casa vermelha; Casa Mimi; Casa branca (relógios, joias, canetas Parker) de Álvaro f Silva; Casa Maluf.	5
Fábrica de Aguardente	Aguardente e álcool Del Nero & Cia. Caninha de luxo; Caninha Java; Caninha 51	4
Armazéns de secos e molhados	Manoel Paulino; João Pedro Sobrinho; Emilio Domingos; Adonias dos Santos E Angelo Rizzi	5
Curtume	Cortume Spoljaric & irmãos; Curtume Gruninger	2
Alimentos	João Martelli; S/A laticínios (leite e frutas) Leiteria São Jorge E Máquina de Arroz Calharani	4
Alfaiataria	Colombo alfaiate; Alfaiataria paulista de Antônio Augusto Guelli; Savastano alfaiate	4
Farmácias	Pharmácia Moraes; Farmácia Del Nero Irmão Devitte & Cia Ltda.; Farmácia São José, Farmácia Cruz; Farmácia Nossa Senhora das Dores	6
Tecidos/Roupas/calçados	Palácio das sedas; Meias Lupo Araraquara; Casa Steola de Palmiro Steola; Casa Biazio (calçados); Horácio- Calçado para todos	5
Médicos e outros profissionais	Dr. Affonso Guimarães; Dr. Vieira de Moraes; Pedro Ziliotto (arquitecto); Prof. João Evangelista dos Reis (gabinete dentário); Sociedade Construtora Brasileira (engenheiros, arquitetos e construtores); Moacyr Pereira Castilho (1. tabelião); Tabelião Cruz (2. officio)	7

Bebidas/cerveja/cigarros	Cerveja Niger fortificante; Cigarro Gulgor Sudan; Aspasia e Comércio de bebidas Corimbatá	4
Bancos	Banco agrícola de Pirassununga Banco do estado de São Paulo S/A	2
Sem dados	Fernando Adani; Julio Lazaro Sierra (Rotary club); Osvaldo Araium; Braz Grisi "Biazo" de 1969; Peterle Foffa & Cia.Ltda.; Palmiro Steola	6
Cerâmica	Cerâmica Tupy Costa & Marchi	2
Agricultura/Fazendas//Usinas/extrativismo	Eduardo Araium; Fazenda rocha Moncrief Yerrell; Fazenda Baguassu; Cia. algodoeira Perondi (usina de algodão); Açúcar e álcool usina São Luiz; Fazenda rio das pedras de Carlos Bastos; Luiz Aranha (fornecedor de gado); Fazenda Graciosa; Usina beneficiamento algodão – Maria Zilda e SOCIMA – Ind.mandioca; Attilio Zero (preparação de peixada na cachoeira); Joao Neves (distribuidor peixes);	12
Tipografia e gráfica	Tipografia encardenadora Odeon e Ind. Gráfica São Luiz	2
Oficina	oficina Berreta Angelico Berretta (de bicicletas); oficina Favaro oficina Bonafé; Steola – veículos e peças; Casa Uimal.	5
Hotel	Grande hotel central; Hotel municipal	2
Outros	Lord hotel (São Paulo); Calçamento typo portuguez de José Pedro Carmona; Calçamento portuguez de Sebastião Magangna; Carrara; Societa italiana di mutuo soccorso; Ótica especializada; Paganotti (comércio de pneus); A confeitaria - escola de corte (Costura); Bar japonês - Fukayama Yoshinobu; O movimento – jornal e impressos – Felipe Malaman; Francisco Malaman – construções e reformas; Remopi- retífica de motores; Serraria Paulista; Marmoraria; Transportadora Castro; Posto São José- Ido Gennari; Posto Rosim – Esso; Pirassununga S/A indústria e comércio de papel e papelão.	16
Total		104

Fonte: Dados primários a partir dos anúncios nos bancos da praça.

Organizando os anúncios citados no quadro 1, de acordo com os setores da economia, nota-se que 68,65% são atividades do setor terciário – comércio e serviços; seguido de 17,16% do setor secundário e 13,13% do setor primário (Figura 4).

Figura 4: Setores da economia diagnosticados nos anúncios dos bancos da praça central de Pirassununga (SP).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Foi diante desse cenário em tela, que solicitamos aos entrevistados para narrarem sobre o que se lembravam das atividades mais antigas. Desse modo, doze bancos tiveram relatos, que acabaram se misturando com a vida e experiências das pessoas.

“SENTA AQUI NESSE BANCO, VAMOS CONVERSAR!”: MEMORIAS DOS ANUNCIOS ANTIGOS NOS BANCOS DA PRAÇA CENTRAL.

Convidamos os leitores a se imaginarem sentando em um desses bancos citados (Figura 5) com alguém lhe contando algumas lembranças, que, claro, não são puras, mas que ajudam a remeter reminiscências de um passado. A partir delas, há nomes que foram poderosos, mas que diante das transformações da cidade, sucumbiram na contemporaneidade.

Por que ainda estão ali na praça? A população valoriza esses bancos e deseja que eles não sejam retirados, pois de alguma forma conecta a um outro tempo, além de serem considerados patrimônios da cidade de Pirassununga. Portanto, esses bancos não são simples objetos, mas são signos, cujas materialidades espelham os valores de uma época.

Figura 5: Imagens dos doze bancos antigos citados pelos entrevistados, localizados na praça central de Pirassununga, SP.



Fonte: Fotos de Gustavo Prado.

Banco “Eduardo Araiium”

Muitos entrevistados disseram que conheceram Eduardo Araiium (já falecido) e que ele era de ascendência alemã. Ele tinha grande influência política. A família plantava algodão e vendia ou comprava o algodão dos produtores, para revender às fábricas têxteis, conforme consta no anúncio no banco. Sobre isso, Rubens Aldrigueti recorda que “Nessas terras próximas ao cemitério municipal, que eram da minha família, plantava-se algodão e a gente vendia tudo para ele.” Similar à informação, Vitor A. Raymundo expõe que:

Pirassununga é um centro agroindustrial ainda hoje e antigamente a cidade era grande produtora de algodão e esse Eduardo Araiium comprava o algodão e repassava para as fiações, ou seja, ele servia de intermediário entre o produtor rural, a fiação e a indústria. As terras onde hoje fica o bairro da cidade Jardim eram da família dele. (VITOR RAYMUNDO, 2019).

Percebe-se que nenhum dos relatos apresenta julgamento de valor sobre a pessoa, apenas informação. Após sua morte, seu filho, Edson Araiium continuou os trabalhos do pai e foi aos poucos loteando as terras em bairros urbanos. Era dono das terras onde, atualmente, se localiza o bairro “Cidade Jardim”. João F. Prado, alfaiate aposentado, diz que Eduardo Araiium “era freguês meu, eu conhecia ele e o pai dele. Morou um tempo nos Estados Unidos e trouxe o estilo americano de casas sem muros e portões para os costumes do pessoal, que foi construindo no bairro da cidade jardim”. Explica-se assim o fato do então bairro “Cidade Jardim” ser diferenciado do restante da cidade, onde a maioria das residências são desprovidas de muros e portões na fachada.

Banco “Casa Mimi”

A casa Chapeos Ramenzoni Finos, chamada de Casa Mimi era uma loja que vendia diversos artigos, era “a casa dos bons artigos”, uma loja de presentes. De acordo com os moradores da cidade, a loja localizava-se na esquina entre as ruas Duque de Caxias com José Bonifácio depois se mudou para a Rua XV de Novembro. Sempre na região central da cidade, a loja ainda existe e atualizou seus produtos vendidos com o passar dos anos. Maria das Graças D. J. Pinto relata:

[...] Ficava na esquina da Rua Duque, onde hoje é a drogaria São Carlos e no natal tinha uma vitrine grande bem na esquina e o dono montava um trenzinho para a criançada ver, eu ficava louca para ver aquele trenzinho, tinha monjolinho, tinha de tudo. O dono era o Sr. Mimi, que era primo do meu avô (MARIA DAS GRAÇAS DIX PINTO, 2019).

Israel Foguel reforça que:

[...] A tradição era o trenzinho da Mimi, todo final de ano armavam o trenzinho chamavam um Papai Noel, que vinha de fora, e na época todo mundo queria saber quem era, mas ninguém descobriu quem era esse Papai Noel. Foi uma loja tradicional de presentes” (ISRAEL FOGUEL, 2019).

Nota-se, portanto, que o trenzinho montado na época do Natal foi inesquecível para muitas das crianças da cidade. Nesse mundo simbólico, olhar o brinquedo era obter uma vivência de Natal diferente de hoje. O encantamento não era possuir o brinquedo, até porque muitas delas nem podiam comprar, mas mesmo assim, podiam

admirar, contemplar e imaginar. Um mundo mágico das memórias da infância entrelaçada com a época festiva do período natalino.

Banco “Leiteria São Jorge”

O comércio vendia leite, manteiga, queijos e requeijão conforme consta nas informações do banco. Em se tratando da antiga Leiteria São Jorge, a maioria dos entrevistados não se lembraram da localização, apenas descreveram que a qualidade dos produtos era muito boa. João F. Prado lembra de que “Saíam carroças e entregavam o leite pela cidade”, as pessoas em Pirassununga deixavam garrafas de vidro vazias em frente às suas casas e quando o leiteiro passava ele pegava o casco e colocava uma garrafa cheia no lugar. Para Irani S. Decarli a lembrança é: “pegávamos uma carona com o caminhão que transportava o leite das fazendas para a leiteria”.

Banco “Casa vermelha”

De acordo com as entrevistas realizadas, a “Casa Vermelha” (Figura 2) era uma loja que vendia muitas coisas, como armarinhos, chapéus, sapatos, perfumes etc. Localizava-se em frente à praça central e ao lado da loja funcionavam circos, quando estes passavam pela cidade. Célia M. C. Calil recorda que “Localizava-se na esquina da praça na rua General Osório. O dono era descendente de português, chamava-se Sr. Cabral.”

Figura 6 – A “Casa vermelha” do Major João da Motta Cabral – foto de 1897



Fonte: Godoy (1975, p. 185)

Banco “Curtume Gruninger”

O curtume foi fundado no início do século XX por descendentes alemães. Na época, o curtume tinha uma importância estratégica no contexto econômico da cidade. Muitas foram as narrativas também sobre o curtume, comércio que não existe mais em Pirassununga. Percebe-se que os moradores contam suas memórias do lugar acompanhado das memórias olfativas.

Célia M. C. Calil diz que “Os donos eram descendentes de alemão, a filha dele estudou comigo, minha grande amiga Giselda. O comércio ficava na rua Padre Antônio Van Ess”. Israel Foguel ressalta que o curtume se localizava “Onde hoje é a Ford. Era do senhor Fritz Gruninger e lembro que o curtume tinha um cheiro muito forte”, João F. Prado completa que:

Só de falar parece que sinto o cheiro. Os curtumes tinham cheiro muito forte. Eles curtiam a pele dos animais. Não lembro muito bem, mas sei que havia algo que eu ia buscar com meu irmão no curtume.

José A. Marucci também conheceu o comércio, o qual “dava emprego para as pessoas, inclusive conheço atualmente o filho do dono dessa empresa, cujo nome é Gilson e é meu amigo”. O morador Victor A. Raymundo faz uma reflexão acerca da importância desse tipo de empreendimento.:

Eu gostaria de destacar o curtume Gruninger que na minha visão era importante para a cidade, pois antigamente não vinha carne dos frigoríficos. Na região quem trabalhava com gado fornecia os animais para serem abatidos no matadouro daqui e eles tinham dificuldade de colocar o couro. E esses curtumes preparavam e trabalhavam o couro, depois lavavam e faziam calçados para vender e rendia um quinhão econômico para a região, e resolvia o problema do destino do couro que saía dos matadouros. (VITOR RAYMUNDO, 2019).

A interação entre o corpo sensorial, via percepção olfativa, visual, auditiva, gustativa e do toque, com o mundo, é uma das maneiras do processo de construção de conhecimento e das memórias, via experiência. No caso da percepção olfativa, Tuan (2012) expõe que esse “sentido desempenha um importante papel nos processos fundamentais de alimentação e acasalamento”. Mas, não é só isso, o odor “tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas” (TUAN, 2012, p.27).

Luísa Paraguai (2012) em seu artigo sobre “Espacialidades e odores: mapas olfativos” mostra que os cheiros são aspectos culturais, ao usar como exemplo os artistas – Usman Haque, Rion Willard e Jenny Marketou, cujos projetos assumem os cheiros como um meio de evocar experiências.

A percepção olfativa é capaz de detectar e avaliar os bons e os maus cheiros, lembrando que isso tem muito a ver com a cultura. Segundo Lima (2015, p.30/31) o cheiro de perfumes aguça a memória alimentar em processos e experiências emocionais numa forma de aprendizado, pois o cheiro aguça nossa percepção espacial, ao ponto de adivinharmos os odores peculiares de cada bairro da cidade e dos distritos. Comumente, o odor é associado ao mau cheiro, criando espontaneamente um sentimento de repulsa, presentes tanto na cidade como no distrito, um bom exemplo são os córregos e os bueiros que exalam um cheiro desagradável independente da chuva e da seca.

Para Gilbert (2008, p.89, tradução e apud de Paraguai, 2012, p.105) “os odores avaliados positivamente como agradáveis terminam por esvanecer de nossa consciência, enquanto aqueles, creditados como ruins e desagradáveis, chamam a nossa atenção e permanecem fortes por mais tempo”. Desse modo, essa constatação do autor, pode ser uma explicação plausível que aconteceu nas lembranças dos entrevistados.

Banco “Pharmácia Moraes”

A farmácia Moraes era de Duilio Walsecchi e localizava-se em frente à praça central. Israel Foguel lembra-se de que “foi aqui onde comecei a trabalhar e lembro de que Pirassununga tinha oito farmácias. Naquela época as farmácias atendiam as pessoas, porque não tinham muitos médicos”. A moradora Célia M. C. Calil também recorda do comércio, do ponto de vista estético:

[...] Ficava em frente à praça, era um prédio antigo com portas grandes de ferro, todas trabalhadas, bonitas com banco na frente, porque antigamente as farmácias tinham bancos que a gente sentava para esperar para ser atendido, e depois o comércio foi transferido para a rua General Osório. (CÉLIA CALIL, 2019).

Banco “Armazém de secos e molhados de Manoel Paulino”

O armazém de secos e molhados e ferragens pertencia a Manoel Paulino. Os entrevistados contam que, antigamente, não existiam supermercados na cidade, apenas comércios que vendiam uma grande variedade de produtos e recebiam o nome de armazéns. Manoel Paulino era dono de um dos muitos armazéns que existiam em Pirassununga. Havia tonéis com cereais, bebidas etc. Itelvina B. Bordignon lembra-se de que este comércio “ficava na rua José Bonifácio, nesse comércio lembro-me muito de que meu pai comprava fiado lá, minha família vendia feijão, milho a granel. É uma história bem triste, meu pai não tinha dinheiro todo mês, ele só conseguia pagar quando era época da colheita, pois morávamos no sítio”. Esse último relato mostra a dificuldade econômica da época, mostrando que nem sempre as lembranças são positivas da infância.

Banco “Cerâmica Tupy”

A cerâmica Tupy foi iniciada em 1924 e pertencia à família Costa & Marchi, cujos produtos eram principalmente tijolos e telhas. Um nome que apareceu muito nas lembranças, foi de Juca Costa. De acordo com as narrativas dos entrevistados, a Cerâmica Tupy foi de extrema importância para a cidade e vários moradores contaram que as casas, que residem até hoje, possuem telhas que foram fabricadas nessa cerâmica, a qual não existe mais.

Eloíza S. S. de Andrade recorda: “Quando em 1987 cheguei de São Paulo, entrei lá dentro, conversei com um senhorzinho, que me mostrou os fornos, o cozimento dos tijolos, telhas e cheguei a conhecer esse comércio por dentro” e Irani S. Decarli diz: “Nossa casa usou essas telhas e até trabalhei para uma herdeira desta cerâmica, que se chamava Marise Costa”.

Israel Foguel conta que:

A Cerâmica Tupy surgiu em 1924. O primeiro dono foi o Capitão Antônio Joaquim Mendes, depois de quatro anos assumiu Sr. Juca Costa e a maioria das casas daqui da cidade eram feitas com telhas dessa cerâmica e o trem trazia as matérias-primas que vinham de Leme. (ISRAEL FOGUEL, 2019).

Francisco C. Leitão, conta que trabalhou nessa indústria:

Foi uma indústria que fazia tijolos, telhas para várias casas de Pirassununga, inclusive trabalhei lá por três anos, na época eu tinha quinze anos de idade e até hoje guardo uma carta de apresentação que a empresa me deu. Era uma grande cerâmica e empregava um grupo razoável de pessoas (FRANCISCO LEITÃO, 2019).

A lembrança de Itelvina B. Bordignon é que “A cerâmica ficava ao lado do atual supermercado Covabra e recordo que na chaminé eles apitavam sempre à meia noite quando era final de ano e lá do sítio, onde eu morava, eu ouvia e isso me marcou, toda vez que me lembro dessa cerâmica lembro também da minha infância”.

No relato sobre o ouvir o apito da fábrica, chama a atenção a lembrança auditiva. Os sons do ambiente estimulam muito nossa perceptiva auditiva. Tuan (2012, p.25/26) afirma que “somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos”, e ainda: “[...] o som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado excitam-nos com intensidade raramente alcançada pela imagem visual”.

A lembrança relacionada aos apitos da fábrica, nos remetem aos apitos das companhias de ferrovias do estado de São Paulo. Nunes (2015) ao pesquisar as memórias da FEPASA em Rio Claro, relata que os apitos marcaram “intensamente o cotidiano e de onde era possível escutar os apitos que cadenciavam os horários de trabalho nas oficinas e que serviam de referência” (NUNES, 2015, p.25). Portanto, além de referência, é uma memória coletiva desse tempo passado, que marcou profundamente a entrevistada da nossa pesquisa.

Deve-se a isso o fato de que a Cerâmica era localizada bem próxima à antiga linha do trem, onde hoje passa uma Avenida com o nome de “Juca Costa” em homenagem ao antigo dono do comércio. Atualmente, no mesmo lugar, ainda permanece uma das chaminés, a qual remonta todo esse histórico. De acordo com as narrativas, Juca Costa tinha um irmão chamado Astolfo Costa, dono de um restaurante onde hoje é o posto Graal, às margens da Rodovia Anhanguera, e pai de Rubens Costa que foi prefeito de Pirassununga.

Banco “Máquina de Arroz”

A máquina de arroz pertenceu à família Calharani e, segundo os entrevistados, eles conhecidos na cidade. Maria das Graças D. J. Pinto fala que “Eles descascavam o arroz e a gente ia lá e ficava brincando naquelas montanhas de arroz”. Sobre esse brincar, é importante dizer que essa ação para a criança é essencial em sua formação.

De acordo com Barros (2009, p. 100) brincar é uma atividade que “contribui para o processo de formação da subjetividade do indivíduo, considerando que somos formados por nossas experiências sociais pelo contato com os objetos da cultura, durante nossa história de vida”. A lembrança remetida pela entrevistada reflete a importância dessa experiência em sua vida, e que o espaço das brincadeiras era mais abrangente do que hoje. Sobre o processo entre o plantador e o comerciante, João F. Prado destaca:

Os comerciantes buscavam o arroz dos sítios, levavam para as máquinas para beneficiar o arroz e sobravam as palhas, quando eu era garoto eu pulava naqueles montes de palha depois dava uma coceira. Lembro-me de que existiam peneiras que iam separando os grãos inteiros e os que estavam quebrados, eram separados para vender em valores diferentes (JOÃO PRADO, 2019).

O comércio de máquina de arroz deixou de existir a partir do advento das indústrias alimentícias, que hoje dominam o mercado.

Banco “Tipografia Odeon”

A tipografia Odeon realizava encadernação, pauta, livraria e era um comércio muito importante para a cidade. Segundo o morador Israel Foguel a tipografia: “Fazia livros, almanaques e lançava publicações importantes para a cidade”, ou seja, de certa forma é este o comércio que ajudava a contar a história da cidade, por meio dos vários registros que produziu ao longo dos anos.

Célia M. C. Calil fala que “Conheci este comércio e ficava em frente onde hoje é o Esporte Bola Branca, essa tipografia inclusive ficava bem em frente a um armazém que era do meu pai”. Com a tecnologia crescente as tipografias deixaram de existir, dando lugar às gráficas.

Banco “Pirassununga 51”

A indústria de cachaça “Pirassununga 51” está em funcionamento desde 1951. A Companhia Müller de Bebidas é muito conhecida no Brasil e até no exterior, pois atualmente exporta seus produtos para vários países.

Por unanimidade, todos os entrevistados reconhecem a “51” e sua importância econômica na cidade. Maria Noêmia L. Raymundo argumenta que:

Uma indústria que faz com que Pirassununga tenha um destaque grande na produção da pinga, foi uma empresa que começou pequena e hoje é gigante. A Dona Belila era esposa do Sr. Ézio, proprietário da 51, deu nome ao centro cultural que substituiu o espaço antes ocupado pela estação ferroviária. (MARIA NOÊMIA RAYMUNDO, 2019).

Ressalta-se que o Centro de eventos Dona Belila é hoje um importante local para a cidade pois é onde ocorre a denominada “Semana Nenete”, a maior festa caipira do interior do estado que busca resgatar a cultura regional.

Banco “Savastano alfaiate”

Arunto Savastano era um alfaiate de descendência italiana, conhecido na cidade. Antigamente frequentava-se as alfaiatarias para fazer roupas sob medida e com auxílio de pequenas máquinas. Na atualidade, quando as pessoas precisam comprar roupas elas vão até as inúmeras lojas existentes. Célia M. C. Calil conheceu bem o comerciante “Era sogro da minha irmã, o filho desse alfaiate casou-se com minha irmã, ambos já falecidos. O conheci bem, a alfaiataria localizava-se na rua José Bonifácio”.

João F. Prado se recorda “Eram dois irmãos alfaiates, fui amigo dos dois, por sinal eu comprei uma tesoura de um deles que media de dois palmos e três, tenho ela até hoje. Foi uma pessoa que me deixou saudades e era um excelente profissional”.

Maria das Graças D. J. Pinto narra que se lembra de Savastano e “Depois o filho dele fez um barzinho de jovens que se chamava Savas bar lanchonete”, José Carlos Alexandre também narra suas lembranças “Ele tinha uma alfaiataria na rua José Bonifácio, inclusive ele era músico também e tocava saxofone”. Esses relatos sobre o alfaiate demonstram uma afinidade e julgamento de valor, dizendo que ele era ótimo profissionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários tipos de comércios foram extintos da cidade, mas seus nomes permanecem nos bancos da cidade estudada, auxiliando no processo do lembrar, pelos mais antigos, fazendo essa ponte entre o passado e o presente. São as “marcas” que as gerações passadas deixaram no espaço por meio da produção e da reprodução de suas ações e atividades. Com essas marcas, estão presentes as imaterialidades, no nosso caso, as lembranças pertencentes.

Diante das narrativas, nota-se que algumas lembranças dos entrevistados sobre os empreendimentos foram bem distantes, ou seja, os donos dos mesmos não eram pessoas próximas, e por isso, só contribuíram com informações bem racionais (a respeito do endereço, do que faziam etc.) e sem julgamento de valor (da pessoa e do produto). Já em outras, como o lembrar do apito da cerâmica, do brinquedo na vitrine da loja Mimi, do odor do curtume, foram relatos carregados de afetividades e experiências, que de alguma forma fizeram parte de suas histórias de vida, e, portanto, possuem afetividade e julgamento de valor. Desse modo, foi interessante o pesquisar das memórias dos mais velhos a respeito desses bancos da praça.

Se a materialidade desse espaço geográfico tivesse sido destruída, provavelmente a história acerca dos bancos, esvaneceria, caso não houvesse outro tipo de registro histórico. Os bancos da praça com as inscrições das atividades econômicas revelaram, também, o poder econômico da cidade na fase fabril/industrial pioneira (1873-1929), de acordo com Sampaio (1987).

Ressaltamos que há possibilidade de investigar o restante das histórias e memórias dos anúncios de negócios dos bancos da cidade, e seria interessante uma pesquisa sobre as memória-lembranças da Fiação e tecelagem de Pirassununga S.A., fundada em 1924, já que foi essencial para o município, empregando mais de 500 funcionários, conforme visto na revisão bibliográfica. Esse tema não entrou na nossa pesquisa porque o banco não está localizado na praça central. Tão necessário, também, na pesquisa geográfica percorrer as memória-lembranças dos povos indígenas e quilombolas que viveram na região de Pirassununga, os quais poucas vezes são lembrados na história das cidades brasileiras. Um vazio imenso...

Quanto à conservação patrimonial da pesquisa em questão, sugere-se para o poder público local, ações educativas e culturais e até turística, no sentido de inserir nos bancos da praça, *banners* ou *QR Code* com informações da história e das narrativas em cada banco, coletados nessa pesquisa, para que contribuam de forma significativa para os jovens e para a população como um todo.

REFERÊNCIAS

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROZENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, pp.92-123.

- FERRARA, L. As máscaras da cidade. In: _____. **Olhar Periférico**. São Paulo: Edusp/Fapesp. 1993. p. 201-225.
- FOGUEL, I. **Pirassununga 1904: Os apontamentos**. São Paulo: Clube de autores, 2018.
- FOGUEL, I. **Praças e coretos**. Fotos, fatos e curiosidades. São Paulo: Clube de autores, 2018
- FOGUEL, I. **Pirassununga 1939: A Monografia**. São Paulo: Clube de autores, 2018.
- GODOY, M. P. de. **Contribuição à história natural e geral de Pirassununga**, v.2, 1ª Edição, 1975.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003 [1.ed.1968].
- LIMA, V. B. **Os sentidos do espaço na geografia escolar: uma abordagem humanista do trabalho de campo**. Sobral (CE): Universidade Estadual Vale Do Acaraú – Uva, 2015 (Mestrado em Geografia).
- MEIHY, J.C.S.B.; RIBEIRO, S.L.S. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- NUNES, A.B. **Memória e ferrovia: diferentes gerações relembrando a experiência da Cia. Paulista de estradas de ferro em Rio Claro**. São Paulo: USP, 2015 (Mestrado em Artes, Ciências e Humanidades).
- PARAGUAI, L. **Espacialidades e odores: mapas olfativos**. 2012. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio1/luisa_paraguai.pdf>. Acesso em dez., 2012.
- PRADO, G.F. **A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça central e do seu entorno em Pirassununga, SP**. Rio Claro: UNESP, 2019. (Mestrado em Geografia).
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- RISSO, L.C. **Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural**. Ponta Grossa. Terra plural, v.8, n.2, pp. 309-319, jul./dez. 2014.

SAMPAIO, S. S. A Industrialização de Rio Claro. Contribuição ao Estudo da Desconcentração Espacial da Indústria no Estado de São Paulo. **GEOGRAFIA**, 12(24): 1-60, outubro 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

